

Construindo um Coral Infantil Multicultural: Um Estudo de Caso (em Andamento) no Nordeste do Brasil

Comunicação

Nan Qi
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
nanqi2011@gmail.com

Érica Pollyana Santos Andrade
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
ericapollyana@hotmail.com

Durval Cesetti
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
durval.cesetti@gmail.com

Resumo: Este trabalho apresenta uma pesquisa em andamento sobre o desenvolvimento de uma subjetividade multicultural emergente nas crianças participantes do Coral Infantil da UFRN. Utilizando a metodologia da Pesquisa Narrativa de Clandinin & Connelly (2000) assim como a teoria de Aprendizagem Transformativa de Merizow (1991), a pesquisa almeja descrever com riqueza de detalhes os potenciais transformadores da prática multicultural do Coral Infantil da UFRN nas crenças, atitudes e valores das crianças, observando os efeitos das experiências no coral em suas percepções de si mesmas e do mundo ao seu redor. Como resultado desta pesquisa, esperamos demonstrar a importância do aprendizado multicultural como ferramenta para romper preconceitos e transcender paradigmas. A pesquisa descreve como o aprendizado multicultural necessita ir além da mera escolha de um repertório diverso para analisar significados e conceitos subjacentes.

Palavras chave: Coral Infantil; multiculturalismo; diversidade.

Introdução

Este trabalho apresenta uma pesquisa em andamento sobre o Coral Infantil da UFRN, grupo criado em 2015 e cuja ênfase atual situa-se no aprendizado e apresentação de canções em múltiplas línguas e de diferentes origens, incentivando o desenvolvimento de uma subjetividade multicultural emergente entre as crianças participantes (BRADLEY, 2006). O uso do canto coral como ferramenta de iniciação musical para crianças tem inúmeros benefícios já bem documentados na literatura: aprendizado de uma nova habilidade, aumento da capacidade

de expressão emocional, de autoestima, empatia, capacidade de colaboração com outros, concentração, disciplina, entre outros fatores (BARTOLOME, 2013; BRADLEY, 2006; RAO, 1993; WILLS, 2011).

Além destes fatores, acreditamos que o canto coral pode exercer função predominante na propagação de visões de mundo mais abrangentes, tolerantes e diversas entre as crianças. Música é uma forma de se construir identidades – musicais, pessoais, culturais – que dialogam com outras pessoas e com as comunidades, afetando crenças, atitudes e valores em diversos contextos (DENORA, 2000). Russel (2000) comenta que “os gostos musicais das pessoas podem refletir uma tendência para ouvir, ou apreciar, a mesma música que é ouvida por outras pessoas de quem elas gostam ou com quem elas procuram identificar-se” (p. 151). Ao mesmo tempo, pode-se deduzir que a apreciação de uma cultural musical diferente da sua própria tem o potencial de aproximar uma pessoa de um outro grupo, criando um reconhecimento de algo em comum que os une (FÉLIX NETO & MULLET, 2005).

Desta forma, o ensino da música tem o potencial único de abordar diretamente preconceitos culturais a respeito de comportamentos, valores e crenças a respeito de povos estrangeiros. Considerando que identidades são 'maleáveis' (HEBERT, 2010), “alunos têm muito a ganhar com experiências com outras etnias e culturas” (ILARI, CHEN-HAFTECK & CRAWFORD, 2013, p. 206). A ideia de um grupo coral guiado por estes princípios e práticas multiculturais ecoa o que Bradley (2006) descreve a respeito do coral canadense *Mississauga Festival Youth Choir*: os intérpretes, ao aprender canções de várias origens, frequentemente podem ser “transportados para 'outro mundo' (...), uma forma de transcendência, um momento em que limites de raça, etnia, nacionalidade, gênero, habilidade, entre outros, são ultrapassados no encontro musical com outro mundo” (p. 153).

Metodologia e objetivos

A metodologia desta pesquisa em andamento consiste na realização de estudos de caso com participantes do coral, utilizando os ideais de Pesquisa Narrativa de Clandinin & Connelly (2000) para recontar e reconstruir os significados das histórias narradas. Pesquisa Narrativa é uma forma de entender as experiências que compartilha muitos atributos com a

etnografia, tendo como objetivo uma imersão nas realidades de outrem e uma tentativa de capturá-las e expressá-las de forma fiel (Goodley, Lawthom, Clough & Moore, 2004, p. 56). As possíveis consequências e mudanças pessoais criadas por meio da participação no Coral Infantil serão analisadas tendo como prisma a Aprendizagem Transformativa de Mezirow (1991), que pressupõe a noção de um dilema desorientador que cria uma mudança nas formas de pensar e ver o mundo das pessoas.

A implementação de uma atitude multicultural em um Coral Infantil pode propiciar tal mudança. Estudo realizado por Félix Neto & Mullet (2005), por exemplo, mostrou uma diferença significativa em níveis de estereotipação racial em crianças de 9-10 anos que seguiram um programa musical com um viés multicultural, porém não percebeu grandes mudanças em crianças um pouco mais jovens, com 7 a 8 anos de idade. O Coral Infantil da UFRN é um excelente laboratório para se procurar perceber essas mudanças, assim como possíveis diferenças de acordo com o nível de maturidade das crianças. Portanto, os objetivos desta pesquisa são descrever, com uma grande riqueza de detalhes, os potenciais transformadores da prática multicultural do Coral Infantil da UFRN nas crenças, atitudes e valores das crianças, procurando compreender como as experiências no Coral podem afetar suas percepções sobre si mesmos e sobre o vasto mundo ao seu redor.

Breve histórico sobre o Coral Infantil da UFRN

O Coral Infantil da XXX foi criado em 2015, como iniciativa entre duas musicistas estrangeiras residentes na cidade de Natal (RN): uma oboísta/cantora norte-americana, que foi a primeira regente do grupo, e uma pianista/pedagoga chinesa. Em 2016, a regente retornou aos Estados Unidos e o grupo passou para a direção de uma aluna de Mestrado da UFRN cuja pesquisa centralizava no ensino de regência coral para alunos de Licenciatura, como preparação para que estes possam criar e assumir corais infantojuvenis em suas carreiras futuras. Durante este segundo ano, o número de integrantes aumentou (de 60 para 100 crianças) e a ênfase multicultural no repertório do grupo foi reduzida, com o Coral tendo o auxílio de diversos alunos da Licenciatura que trabalharam e regeram peças. Durante seu 3º ano, o Coral foi assumido pela pianista/pedagoga chinesa que havia sido a primeira pianista do grupo,

juntamente com um professor de piano da UFRN e duas alunas da Licenciatura, com o foco do grupo retornando para um aprendizado musical de alta qualidade combinado com um incentivo ao desenvolvimento multicultural. O grupo tem atualmente 55 membros, divididos em três subgrupos aproximadamente de acordo com a idade das crianças (6-7 anos, 8-9 anos e 9-10 anos) e ensaia uma hora por semana, aos sábados à tarde.

Os ensaios do Coral são cuidadosamente planejados e divididos em várias atividades, de forma a estimular as crianças de diversas formas e a manter seu interesse durante o período. São realizados: (1) exercícios vocais; (2) aprendizado de rudimentos de teoria musical e solfejo; (3) aprendizado de novas canções; (4) aprimoramento de canções já aprendidas; (5) jogos e brincadeiras musicais, que enfatizam separadamente elementos musicais como ritmo e melodia. Ao mesmo tempo em que o aspecto lúdico é constantemente estimulado, as crianças também têm objetivos específicos para serem alcançados a cada semana e mês, de forma que, gradualmente, elas fiquem prontas para as apresentações no final dos semestres. Portanto, o projeto enfatiza tanto a seriedade de seus objetivos como o aspecto prazeroso que deve ser parte integral do aprender musical.

Ideias sobre o multiculturalismo na educação musical

A definição de termos como diversidade e multiculturalismo tem que compreender a vasta gama de atitudes que podem existir entre polos opostos de diversidade. Schippers (2005), por exemplo, descreve uma progressão entre mono-, multi-, inter- e transculturalismo; enquanto que o segundo e o terceiro tipos apresentam, respectivamente, reconhecimento e entendimento mútuo de outras culturas, apenas este último promove “uma mudança profunda de ideias e valores” (p. 29). Já Queiroz (2015), descrevendo o trabalho de outros autores, utiliza estes termos de forma ligeiramente diferentes, progredindo do monoculturalismo, passando pelo transculturalismo e pelo multiculturalismo, chegando finalmente ao interculturalismo, o qual propõe não apenas relações interculturais, mas também rompe com visões essencialistas sobre identidades culturais, valoriza a hibridização e percebe o potencial pedagógico de perceber-se a desigualdade social e diferenças culturais como espelhos da sociedade.

Utilizamos o termo “multiculturalismo” neste trabalho, por ser mais comumente usado, porém com a intenção de representar os ideais mais abrangentes e transformadores mencionados pelos autores acima. A noção de “multiculturalismo” pode de fato assumir diversas faces na educação musical. Almeida (2012) comenta que o conceito de educação musical multicultural costumava ser voltado prioritariamente para a escolha do repertório, mas foi alargado para assumir um aspecto mais inclusivo. Queiroz (2015) também enfatiza a “ingenuidade com que muitas vezes o termo diversidade musical tem sido empregado no ensino de música” (p. 209), ignorando o “conflito e a instabilidade (...) desejados quando se evoca a diversidade musical na ação formativa” (p. 210). Um elemento musical de uma cultura deve ser entendido não em relação ao que é “normal” na cultura do aprendiz, segundo os parâmetros desta cultura. É preciso derrubar “paradigmas absolutos quando o 'eu' não nos deixa ir além de nós mesmos” (p. 213).

Não basta, portanto, apenas escolher canções de diversas origens; é necessário que elas sejam apresentadas de forma que as crianças possam aprender a refletir sobre elas, sobre suas origens, sobre seus significados e sobre o que estas canções têm de único e, ao mesmo tempo, como elas podem ser usadas para conectar a experiências das crianças com outras pessoas de diversas partes do mundo. A inclusão de canções deve ser apenas a primeira parte do processo; uma simples pergunta pode iniciar um processo de exploração, reflexão e descoberta que é necessário para se criar uma empatia multicultural que permite às crianças imaginarem o que seria ser um “outro”. Este conceito de “outrificação” é necessário para “romp[er] limites e preconceitos definidos por um “eu”, ilusoriamente transformado em “nós”, incapaz de ver, compreender e valorizar o 'outro' (QUEIROZ, 2015, p. 197). C

Como ferramenta para irmos além da mera escolha de um repertório diverso, podemos refletir sobre as cinco dimensões propostas por Banks & Banks (2004) como necessárias para uma educação multicultural: integração de conteúdo, construção de conhecimento, redução de preconceitos, pedagogia da igualdade e uma estrutura cultural e social de empoderamento. Os significados das canções devem ser integrados às realidades cotidianas dos aprendizes e deve haver discussões – adaptadas à faixa etária dos alunos, claro – sobre como estes significados são construídos e o que eles refletem sobre a sociedade. Além disso, deve ser discutido como as canções podem mudar atitudes inconscientes de pessoas sobre aspectos etnoculturais e como a

incorporação destas dimensões à prática pedagógica pode criar um “entendimento que vai além da mera tolerância de culturas e músicas não-familiares para tornar-se um interesse ativo em um nível mais profundo (...), uma pedagogia performativa (...) na qual uma subjetividade humana multicultural pode emergir” (BRADLEY, 2006. p. 169).

Referências

ALMEIDA, Cristiane. Educação musical e diversidade: aproximações. **Educação**, Santa Maria, v. 37, n. 1, p. 73-90, jan./abr. 2012.

BANKS, James; BANKS, Cherry McGee. **Multicultural education: Issues and perspectives**. Hoboken, N.J.: Wiley, 2004. 468 p.

BARTOLOME S.J. (2013). "It's like a whole bunch of me!": The perceived values and benefits of the Seattle girls' choir experience. **Journal of Research in Music Education**, v. 60, 395-418.

BRADLEY, Deborah. **Global song, global citizens? Multicultural choral music education and the community youth choir: Constituting the multicultural human subject**. 2006. 375 p. Dissertação (Doctor of Philosophy)- Department of Sociology and Equity Studies in Education, Toronto, 2006.

CLANDININ, Michael ; CONNELLY, Jean. **Narrative inquiry: Experience and story in qualitative research**. San Francisco: Jossey-Bass, 2000. 211 p

DAN A., Goodley et al. **Researching life stories method, theory and analyses in a biographical age**. [S.l.]: Routledge Falmer, 2004. 224 p. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/2173/22457>>. Acesso em: 05 jun. 2017.

DENORA, Tia. **Music in everyday life**. Cambridge: Cambridge University Press, 2000. 181 p.

FÉLIX NETO, Maria do Rosário Sousa; MULLET, Etienne. Can music change ethnic attitudes among children?. **Psychology of Music**, [S.l.], v. 33, n. 3, p. 304-316, jul. 2005.

HEBERT, David. Ethnicity and music education: Sociological perspectives. In: WRIGHT, Ruth (Org.). **Sociology and music education**. Farnham, UK: Ashgate, 2010. p. 93-113.

ILARI, Beatriz; CHEN-HAFTECK, Lily; CRAWFORD, Lisa. Singing and cultural understanding: A music education perspective. **International Journal of Music Education**, [S.l.], v. 31, n. 2, p. 202-216, jun. 2013.

MEZIROW, Jack. **Transformative dimensions of adult learning**. San Francisco: Jossey-Bass, 1991. 247 p.

QUEIROZ, Luís Ricardo Silva. **Há diversidade(s) em música: reflexões para uma educação musical intercultural.** Música e educação: série diálogos com o som, Barbacena, v. 2, n.11, p. 197-215, 2015.

RAO, D. (1993). Children's Choirs: A Revolution from Within. **Music Educators Journal**, v. 80:3, 44-48.

RUSSEL, Philip. Musical Tastes and Society. In: HARGREAVES, David John; NORTH, Adrian (Org.). **The Social Psychology of Music.** Oxford: Oxford University Press, 2000. p. 141-158.

WILLS, R. (2011). The magic of music: a study into the promotion of children's wellbeing through singing. **International Journal of Children's Spirituality**, v. 16, 37-46.